

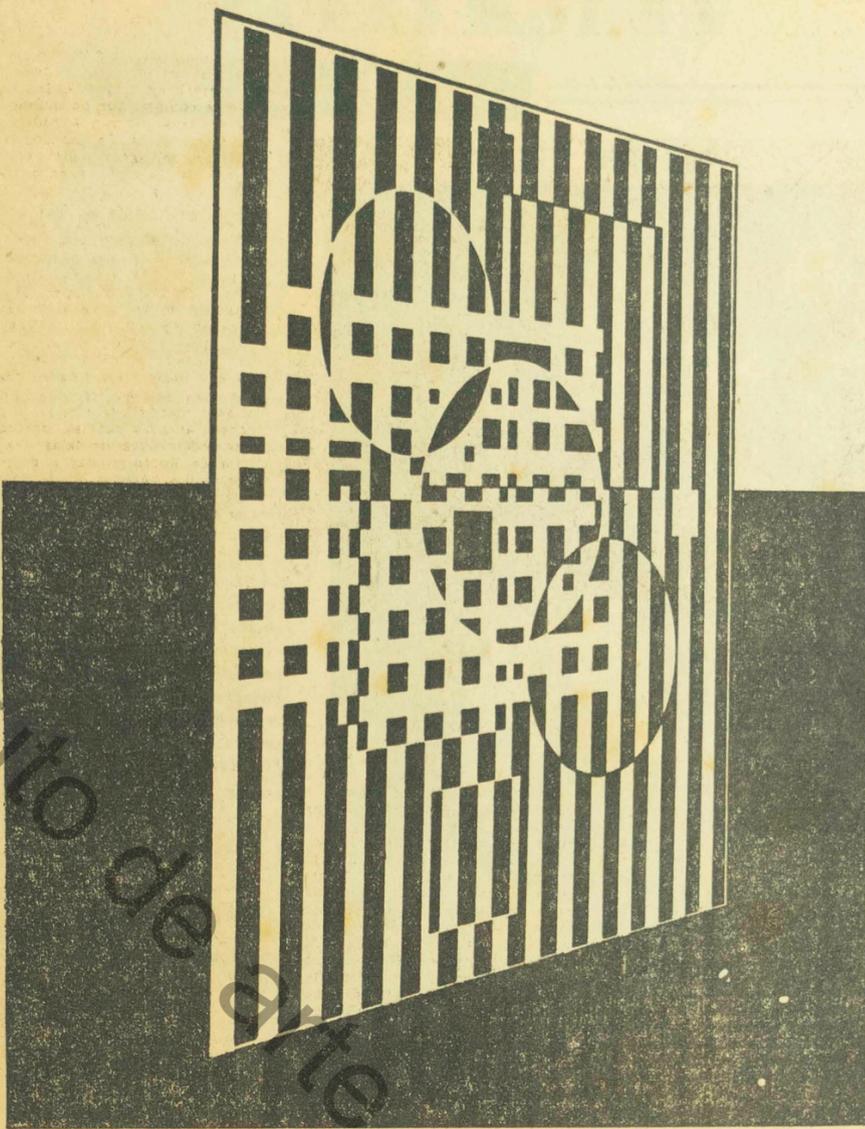
JORNAL: Correio da Manhã LOCAL: Quomabara
DATA: 31/01/1960 AUTOR: Jayme Maurício
TÍTULO: Notas Curtas
ASSUNTO: Ivan regressou da Europa apenas a
notícia do regresso.

correio da manhã, 31 janeiro 1960 2.º Caderno

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAYME MAURÍCIO

Arte, petróleo e boa vizinhança



A idéia é inteligente, diplomática e artística, e só poderia vir de quem veio, do conselheiro Wladimir Murtinho que reúne todas essas qualidades e condições: diplomata inteligente, homem sensível a serviço da divulgação artística do país. Travou contato com empresas brasileiras interessadas no petróleo boliviano e conseguiu doações no valor de um milhão de cruzeiros para comprar obras de artistas brasileiros de reconhecido valor, formando uma coleção que será oferecida ao museu oficial da Bolívia, expondo-as antes no Museu de Arte Moderna do Rio.

Tudo muito simples e útil: os artistas nacionais terão algumas obras vendidas (naturalmente por preços especiais tendo em vista o tour-de-force e o destino das peças), terão boa divulgação na Bolívia; as empresas terão demonstrado uma atitude simpática de colaboração cultural; e os bolivianos terão enriquecido o seu acervo.

Resta cuidar do critério de aquisição que não deve ser generalizado, mas rigorosamente seletivo e bem representativo da pintura brasileira atual. Dois os três dos chamados "mestres", alguns "jovens mestres", e o resto entre os jovens que trabalham e pesquisam com talento comprovado. E, naturalmente, as gravuras brasileiras que fazem bonito e são pouco dispendiosas. Quanto à escultura, a grande vítima, será perigoso pensar nela — seu custo, por força do próprio material — absorveria a quase totalidade da verba, a menos que os escolhidos estivessem dispostos também (é pouco provável) a pedir apenas um preço simbólico que cobrisse as despesas de material menos caro.

Enfim, trata-se de uma iniciativa patriótica, que também interessa de perto aos artistas. E' preciso conversar em termos diversos dos que presidem as compras de particulares com recursos, as vendas de galerias ou vendas em dólares. E' sabido que mesmo os pintores mais famosos e cotados na Europa e E.E.U.U. quando se trata de venda para um museu — e um museu de poucos recursos — os preços não são completamente diversos. No Brasil, então, essa flexibilidade deverá ser maior ainda.

DENISE RENÉ FIRME: VASARELY

Não se pode deixar de admirar a linha firme dessa tenaz e franzina Denise René com sua famosa galeria da Rue La Boétie 124, em Paris, a sala de maior vanguarda experimental do formalismo ortodoxo francês. Foi a primeira a abrir suas portas ao "concretismo" na França, enfrentando uma tremenda oposição desde os tempos da guerra, e ainda agora, em plena avalanche "informal", em franco domínio do signo, da mancha, da caligrafia, etc., ela reabre as mesmas portas para apresentar VASARELY e seus "quadros cinéticos", que ela mesma prefacia com imperturbável fervor. O catálogo que nos envia é do mais alto luxo e

elegância gráfica. Completo sob todos os aspectos, inclusive o didático e documentário.

Com invejável desenvoltura e convicção Mme. Denise René afirma que os propósitos em volta da pintura falham em clareza pelas dificuldades de traduzir as abstrações de uma linguagem específica em linguagem comum. A isso juntar-se-iam as confusões devidas ao duplo aspecto da evolução pictórica: 1.º — evolução própria da plasticidade no interior da tela; 2.º — diversidade da função plástica resultante do progresso tecnológico social intervindo na vida da cidade.

E assim, com um simplismo comovente, a elegante Denise parece haver resolvido genialmente a crise atual da crítica de arte. ... Vamos, entretanto, ao que diz de positivo sobre o pintor que vende e apresenta ela mesma. Afirma que atualmente pode-se encontrar na obra de Vasarely com clareza três vias distintas, unidas no pensamento: 1 — uma via arquitetônica com realizações positivas em Caracas e Paris; 2 — uma via cinematográfica (Vasarely está concluindo um filme de arte sobre sua obra, em longa metragem); 3 — a via clássica do quadro, onde a idéia cinética traz esse sangue novo indispensável à sua continuidade.

Finalizando, Denise René afirma: "Estamos certas que o termo um pouco bárbaro de "cinetismo" (como o foram impressionismo e cubismo) entrará na linguagem das artes porque a obra que designa é de hoje e já de importância, enriquecendo incontestavelmente o patrimônio plástico." Embora os pecados de Denise René (ou talvez por eles mesmos) mereça o nosso respeito essa profunda convicção e essa coragem de seguir fiel ao seu credo estético, mesmo quando os mais fervorosos generais se perturbam e se abatem com os novos rumos e horizontes.

NOTAS CURTAS

— Tanaka, pintando intensivamente na praia da Pituva em Salvador, fez progressos fabulosos que poderão ser apreciados pelos baianos na próxima exposição que o pin-

tor fará em Salvador, sucedendo à individual de Antônio Bandeira.

— E Bandeira, que está redescoberto o Nordeste, deixou Salvador em caminhão, rumo a Fortaleza, para visitar sua família, seguindo depois para Brasília, onde fará exposição, para regressar ao Rio antes do Carnaval e pintar dia e noite.

— Regressaram ao Rio Ivan Serpa e Barel Valença, premiados com viagem ao estrangeiro (dois anos). E' incrível como o tempo passa — parece que foi ontem que eles viajaram e, no entanto, já lá vão dois anos. A curiosidade é enorme...

— Frans Waissmann ficou na Europa, pois ainda lhe falta um ano. Homem feliz. E a escultora Sônia Ebling, depois de dois anos voltou, achou horrível, e retornou à Paris, desta vez por conta própria e com grande esforço. Compreensível!

— Manabu Mabe está a caminho de Salvador, convidado por Odorivo Tavares. Mabe, que é agora exclusivo de Profili, continua sendo a grande incógnita: vai ou não para a Europa? Recusará o prêmio de Paris? E a tournée europeia com Profili?

— Em São Paulo, Iolanda Mohaly estaria tentando finalmente a utilização do óleo e outros materiais que não gouache, técnica quase que única da pintora. Devem ser os maiores do mundo... Um caso curioso o de Iolanda e sua alergia ao óleo.

— O grupo de artistas concretos de São Paulo vai expor em 1960 no Museu de Arte Moderna do Rio. Gente de valor e fidelíssima aos princípios da arte concreta, vai ser de interesse verificar a validade de suas realizações mais recentes.

— Quando da estada de Mathieu no Rio, sua estranha cabeça foi esculpida por Bruno Giorgi, de quem o pintor se fez grande amigo, numa demonstração de convivência civilizada, livre de orientação estética. Mathieu encomendou 70 cópias...

— Corre a notícia de que para o Prêmio Leirner, o júri seria integrado, entre outros, por Antônio Bento, Carlos Flexa Ribeiro e Maria Martins, representando o Rio. O resto seria de São Paulo, e existem dúvidas ainda.

DELEGAÇÃO BRASILEIRA PARA XXX BIENAL DE VENEZA

A comissão nacional indicada para selecionar a Delegação Brasileira à próxima XXX Bienal de Veneza, reuniu-se ontem em Ibirapuera presidida por Francisco Matarazzo Sobrinho.

Foi decidido que a delegação será constituída por obras de Antônio Bandeira (15 quadros), Manabu Mabe (15 quadros), Loio Persio (5 quadros), Tereza Nicolau (5 quadros), Danilo di Dret, (5 quadros), Aloisio Magalhães (5 quadros) e Inimá de Paula (5 quadros).

A representação de escultura foi confiada ao escultor baiano Mario Cravo Júnior (10 obras).

A comissão selecionadora foi integrada por Francisco Matarazzo Sobrinho, Sergio Buarque de Holanda, Paulo

Mendes de Almeida, Vladimir Murtinho, Carlos Flexa Ribeiro, Lina Bo Bardi, Luiz Saia, Celso Pinheiro, Pietro Maria Bardi e Antônio Bento.

Na mesma reunião ficou decidido que as obras seriam selecionadas por Antônio Bento, Paulo Mendes de Almeida e Carlos Flexa Ribeiro que ontem mesmo começou a realizar o seu trabalho.

A campanha desenvolvida pelo itinerário no sentido de serem enviados à venda os jovens pintores "informais" foi coroada de êxito.

Notícias recentes de Veneza informam que o pavilhão do arquiteto Henrique E. Minidlin foi vetado e estuda-se a possibilidade de um novo projeto possivelmente em um novo local.